



MORTE NA CONTEMPORANEIDADE: A NEGAÇÃO DO CONCEITO DE FINITUDE

Rita Tainara de Oliveira Martinez¹

Ana Flávia Cicero Conde²

RESUMO

Por meio desta pesquisa, buscou-se compreender a morte e como ela é vista na sociedade contemporânea, evidenciando sua constante negação, além da negação que possuímos um fim, ou seja, da finitude presente na morte. Buscando compreender o processo histórico na qual a mesma está inserida, entre os períodos da idade média à contemporaneidade ocidental evidenciando suas mudanças ao longo do século, também, pretendeu-se conceituar e descrever os conceitos de morte e finitude. Assim, pode-se entender como a morte atua na contemporaneidade, entendendo as implicações da contemporaneidade e como o sujeito se encontra nela, utilizando-se a psicanálise como base teórica para tais formulações. Entendemos a necessidade de se conhecer e falar sobre a morte, nesta sociedade que aparentemente se afastou da mesma e se recusa a olhar para ela, como uma forma de entender melhor a vida e seus paradigmas contemporâneos, além de uma tentativa de explicar o grande aumento das doenças psíquicas enquanto mal-estar deste século. Através de pesquisas bibliográficas dos principais autores que falam sobre a morte e a contemporaneidade como Kovács, Maranhão, Kubler-Ross, Birman, Becker e Freud, assim chegaram-se ao resultado de que a morte vista como construção histórica, social, biológica e ,principalmente, humana, da mesma forma que a finitude, quando reconhecidas pelos seres humanos devem estar sobre uma balança, na qual deve ser medida a auto conservação e a realização de uma boa vida, ao mesmo tempo em que o conhecimento sobre a morte mostra-se necessário, uma vez que nossa sociedade está se reorganizando em torno do narcisismo e tentando apagar a morte.

Palavras-chave: Morte. Finitude. Contemporaneidade. Psicanálise.

1. Introdução

A morte é uma incógnita para o ser humano, pois, ao mesmo tempo em que ela atrai certa curiosidade, atrai, também, o medo. O fato de termos certa consciência sobre a morte, ou seja, sabermos que somos seres finitos é, por vezes, aterrorizante, porém, como veremos no decorrer deste escrito isto ocorre somente no plano consciente, no entanto, mesmo este conhecimento sobre ela ainda nos é muito limitado e por vezes pouco aceita, desta forma, inconscientemente há outra

¹ Graduanda na UNIFAMMA.

² Docente na UNIFAMMA.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

posição perante a morte, ao qual escapa a nossa consciência, nos fazendo acreditar que a mesma não ocorre e nos levando a temê-la. De certa forma, como Cassorla (2013) nos situa, o ser humano diante da morte encontra-se à frente de um fenômeno do qual não se tem nenhum conhecimento e isto gera uma determinada angústia, portanto, é este “*não-saber*”, colocado pelo autor, que possuímos em relação à morte que se torna demasiadamente apavorante para nós. Possivelmente, é este não saber que faz com que o ser humano fuja da morte e encontre diversas maneiras para evitá-la.

Freud (1930/1929), em *O mal-estar da civilização*, afirma que nossa felicidade está restringida por três fontes de sofrimento para o ser humano e uma delas seria a decadência de nosso corpo, ou seja, a morte, de forma que essa se configura como uma fonte de sofrimento, por conta disso, acaba sendo natural que procuremos nos afastar dela. No entanto, a morte é um fenômeno natural e necessário, pois é o resultado da vida, por muitas vezes, inegável e inevitável (FREUD, 1915). A verdade é que todos nós morreremos um dia e este é um processo comum, que não deveria ser temido e muito menos negado.

Porém, como Freud (1915/1996) ressalta, é impossível imaginar a própria morte e, portanto, segundo o autor, “revelávamos uma tendência inegável para pôr a morte de lado, para eliminá-la da vida” (p.299). Constantemente em nossas vidas queremos e desejamos nos afastar da morte, muitas vezes, até desafiamos o perigo para mostrar nosso controle sobre ela, pode-se até dizer que fazemos isto diariamente, queremos sempre mostrar que estamos longe da finitude que a morte nos traz. Por mais que tenhamos medo, o ser humano se aproxima do perigo para mostrar sua onipotência. Um exemplo claro disto são os brinquedos radicais em parques de diversão, que atraem multidões, e os esportes radicais. Este processo se dá porque nosso inconsciente desconhece a morte, este sempre será imortal, sendo até impossível para ele crer em uma morte (FREUD, 1915), sendo assim, desafiar a morte é tentar mostrar que somos seres imortais.

Na contemporaneidade, percebemos que com o avanço da medicina, da farmacologia e da tecnologia, a vida tem sido estendida ao máximo. Negamos a finitude em todo o nosso desenvolvimento e agora a negamos mais ainda, pois a



medicina pode prolongar a nossa vida. Existem cosméticos e diversos produtos que negam a nossa velhice, que prometem prolongar nossa juventude. Desde os tempos antigos, principalmente em contos e histórias percebemos uma tentativa de se eternizar os heróis, sendo que uma clássica promessa deste feito é a “fonte da juventude” muito retratada em construções de fantasias. Podemos dizer que o ser humano ainda busca esta “fonte da juventude” que dá vida eterna e querer buscar estes fatores é uma clara manifestação inconsciente de busca pela imortalidade, pois envelhecer significa aceitar que este corpo possui um fim. Devido a isto estamos em constante busca de parar o envelhecimento, seja com procedimentos cirúrgicos ou cosméticos. Além disso, a tecnologia tem sido utilizada para evitar o esforço humano e até mesmo para prolongar a nossa vida.

Diante dos diversos questionamentos riquíssimos que este tema pode trazer, um é o que mais nos intriga, a luta que a humanidade trava cotidianamente contra a morte, mais precisamente, a luta que travamos para nos colocarmos como imortais e infinitos diante da morte. A partir disso, podemos criar a hipótese de que se antes havia um medo da morte, hoje o que percebemos é uma negação desta e do fato de sermos seres finitos, sendo que essas negações se encontram presentes no dia-a-dia, podendo até mesmo provocar adoecimentos.

Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa foi compreender as implicações que a morte pode trazer na vida cotidiana e psíquica dos indivíduos contemporâneos, evidenciando a negação que se tem do conceito de finitude. E os objetivos específicos foram: a) compreender como ocorre a construção do conceito de morte na sociedade atual através da abordagem psicanalítica; b) compreender, a partir da abordagem psicanalítica, os impactos que a negação do conceito de finitude tem sobre o psiquismo dos indivíduos presentes na sociedade atual.

2. Método

Conforme Severino (2007), na prática da investigação científica, existe diversas perspectivas epistemológicas diferentes entre si e enfoques que podem determinar o cunho de uma pesquisa e, por consequência, existem diversas modalidades de pesquisas que são influenciadas de acordo com seu



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

desenvolvimento. O método utilizado para a realização dessa pesquisa foi a pesquisa bibliográfica, pois, segundo o autor, ela é realizada através da utilização de registros já disponíveis, frutos de pesquisas anteriores, que podem ser encontrados em livros, artigos, teses e etc., ou seja, a pesquisa ocorre através de informações retiradas de dados já documentados e registrados por outros pesquisadores, com base no tema a ser pesquisado.

Segundo Gil (2008), esta modalidade de pesquisa apresenta como vantagem ao pesquisador a capacidade deste de possuir uma cobertura maior do assunto a ser investigado, principalmente, quando se tratam de dados quantitativos que levariam anos para serem reunidos, sendo também de grande importância para os estudos teóricos, pois, para a apresentação de fatos passados, este tipo de pesquisa auxilia o pesquisador no conhecimento daquilo ao qual ele não poderia ter acesso. No entanto, o autor alerta a importância da busca de boas fontes, para que erros não sejam replicados, sendo necessária uma análise minuciosa sobre cada fato apresentado e até mesmo a prática de se buscar diversos autores e diversas opiniões.

3. A História da Morte no Ocidente: da idade média à contemporaneidade

A visão de como é a morte hoje para nós é o resultado de séculos de história, neste capítulo, no entanto, iremos retratá-la a partir da idade média, porém, esta possui uma cisão quanto ao pensamento. Por causa disso, iniciaremos a nossa compreensão através da primeira parte deste período que durou do séc. V ao séc. X, onde, segundo Ariès (2012), a morte era sentida e domada, as pessoas sabiam que iriam morrer, elas sentiam quando sua hora estava chegando, tinha-se esta percepção de que seu fim estava próximo de forma natural e este era um momento ritualístico, muitas vezes, assistido não somente pelos familiares, mas também por pessoas que passavam pelo local. O quarto do doente era um palco, e ele, juntamente da morte, formavam os atores principais de uma trama construída por eles mesmos.



Este momento de encontro da pessoa com a morte foi registrado de inúmeras formas na literatura e demais artes de acordo com Ariès (2012). Eram retratados como rituais que deviam ser realizados no leito de morte, constituía-se em um dever e aprendizado social, pois, para a época, era necessário saber morrer. Este momento da morte, mais especificamente do ritual, era tido como um espetáculo palestrado pelo próprio moribundo.

O ritual da morte possuía algumas etapas, primeiramente, o doente lamentava sua vida, muitas vezes, de forma triste e distante, depois havia o momento nostálgico da vida, no qual este perdoava os presentes em seu leito, depois disto se realizava uma prece a deus, que em primeiro momento era regida pela culpa. Em seguida, era realizada uma prece para que ocorresse uma aceitação de deus pela sua alma, por fim, o moribundo recebia a absolvição sacramental. Realizado este ritual só restava ao moribundo esperar pelo momento de sua morte, muitas vezes essa consistia em uma espera silenciosa.

A morte neste momento é esperada no leito, ocorre de forma simples e se constitui em uma cerimônia pública, organizada pelo próprio moribundo, eram assistidas por adultos, homens, mulheres, enfim qualquer pessoa, inclusive as crianças, que eram levadas para assistirem a tais momentos. Segundo Ariès (2012), a morte era presente e aceita como um fim, de modo que os ritos e cerimoniais eram aceitos de forma simples sem um caráter dramático. Portanto, se constituíam como algo familiar e próximo, visto como uma ordem natural do homem.

Segundo Ariès (2012), a partir dos séculos XI e XII algumas modificações ocorreram em relação ao pensamento e forma de agir diante da morte, devido à presença de alguns fenômenos que iremos descrever a seguir.

No século XII, surgiu a presença de uma ideia sobre o juízo final como uma corte de justiça, na qual o moribundo era julgado pelos seus atos em vida, como em uma balança. Ele trouxe mais forte a noção de eternidade, de forma que o corpo apenas descansava para posteriormente ressuscitar com a segunda vinda de Jesus, para viver na glória eterna, ou seja, de acordo com o autor surgiu uma noção de vida pós-morte, de forma que a história e a biografia do homem só cessariam no final dos tempos, e não com a sua morte.



O segundo fenômeno indicado pelo autor diz que, em dado momento, esse juízo passa a não ocorrer no fim dos tempos e sim no leito de morte do moribundo. Portanto, acreditava-se que no leito acontecia um juízo individual do moribundo, estreitando a relação da morte com a história de vida de cada pessoa. A morte no leito toma aqui um caráter dramático e emotivo que até então não possuía (ARIÈS, 2012).

O terceiro fenômeno é o surgimento do termo “cadáver decomposto” ou “carniça”, pois a ideia da morte como um cadáver decomposto foi pouco difundido em meados dos séculos XIV e XV. Segundo Ariès (2012), era comum a representação da morte como um ser composto somente de esqueleto ou ossos, a chamada “morte seca”, pois a decomposição remetia a um fracasso do homem, tornando o fracasso neste momento um fenômeno novo e original.

O homem da idade média possuía uma paixão pela vida, no entanto, de acordo com o autor, este também sabia da existência da morte e que esta um dia viria até ele, porém, sua paixão pelas coisas que tinha em sua vida ainda se tornava avassaladora, o reconhecimento de cada indivíduo de sua própria história e seu apego às coisas que possuía em vida. Perante tudo isso, a morte passou a ser um momento de reflexão sobre a vida para o homem (ARIÈS, 2012).

Ao fim da Idade Média, com o renascimento, a morte perde a conotação divina e ganha uma conotação erótica, de forma que esta podia ser até mesmo associada com o amor (ARIÈS, 2012). Assim, a partir do século XVIII, ocorre o advento do romantismo, produzindo uma mudança no pensamento e forma de agir diante da morte, de maneira que esta passa a ser exaltada, dramatizada e desejada, ela se torna impressionante e arrebatadora.

Como nos situa Ariès (2012), aqui temos o pensamento de uma morte romântica, que é buscada como um fim heróico do ser humano. Em muitas artes, manifestadas neste período, percebeu-se a morte sendo retratada de forma sedutora, que arrebatava o homem de seu sofrimento. Com esta ruptura a morte passa ganhar apenas uma identidade romântica, de maneira que esta que antes se dava de forma calma e esperada, é tomada de choro e súplica, apresentando uma dor apaixonada e única.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

O fim do século XVIII carrega como um dos traços do romantismo a complacência para com a ideia de morte e até mesmo uma forma de fuga do sofrimento. No entanto, este período também evidencia a mudança da atitude da família para com o moribundo, pois aqueles que sobrevivem passam a aceitar com mais dificuldade a morte do outro, não temem a morte em si, mas temem a morte do outro. (ARIÈS, 2012)

Neste momento, os cultos aos túmulos e aparição de cemitérios desvinculados das igrejas começam a surgir. Devido à preservação do individualismo e aos problemas que a sociedade da época começou a perceber em relação aos cemitérios e ossuários mantidos pela igreja os vivos começaram a sentir necessidade de se afastarem dos mortos.

A morte até então marcava sua presença no cotidiano. Mas, segundo Ariès (2012), no final do século XIX e início do século XX, percebeu-se que com a ascensão do homem moderno a morte perdeu seu espaço e se tornou uma vergonha, tornou-se um objeto de interdição.

Neste momento da história, de acordo com Ariès (2012), a verdade sobre o estado do moribundo era negada a este para que o mesmo fosse poupado de seu sofrimento, e em torno do moribundo o sofrer deveria ocorrer de forma solitária e silenciosa, a morte não deveria perturbar a vida daqueles a sua volta, pois para os vivos a mesma deveria continuar com sua aparência feliz. A morte perde sua conotação dramática e o ritual de morte continua, porém mais reservado.

Entre 1930 e 1950, segundo Ariès (2012), começa a surgir um fenômeno que muda toda a configuração da morte no leito, trata-se do deslocamento do leito de morte no quarto para o leito do hospital, onde se morre sozinho, sendo o hospital o local onde se prestam os cuidados que não são dados em casa. O hospital se torna o átrio da morte, pois lá se a pessoa morre é porque o médico não conseguiu curar. No hospital a morte se torna técnica, dividida, onde se perde a consciência e a respiração, onde o coração para e o indivíduo morre. Dessa maneira, de acordo com o autor, vivenciando e deixando a morte de lado, a mesma torna-se aceitável e tolerável pelos sobreviventes, entretanto, torna-se um tabu para a vida cotidiana.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

Ao mesmo tempo, no século XX, surge a morte violenta, que representa a morte gerada pela violência urbana, ou seja, os assassinatos, homicídios em série, acidentes com morte de centenas de pessoas, mortes por armas de fogo, a violência das guerras, etc. No entanto, mesmo com essa presença esmagadora da morte sendo anunciada nos jornais e demais mídias, como mortes e perda de vidas de forma tão violentas, não poderiam atrapalhar a apressada vida cotidiana do homem moderno, que apenas engole as notícias e por um breve segundo sente um pesar, mas logo retoma sua rotina. Como nos diz o autor, a atitude moderna diante da morte diz respeito de uma “[...] interdição da morte a fim de preservar a felicidade” (ARIÈS, 2012 p. 90). Este recorte nos mostra que apesar de inúmeros desastres e notícia ruins, na modernidade, a vida deve continuar com sua aparência feliz, mesmo diante da presença da morte neste cotidiano.

As imagens de morte começam, então, a desaparecer no decorrer do século XX. O silêncio deixado pela morte rompe seus grilhões e esta se torna uma força selvagem e incompreensível, pois sempre que surge, ocorre de forma violenta, levando entes queridos, que segundo os vivos ainda tinham muito que viver e que cruelmente a morte carregou suas alegrias.

No entanto, segundo Menezes (2003), diante dessa chamada morte violenta o morrer passa por novas modificações no decorrer do século XX, de forma que o morrer violento torna-se um “morrer com dignidade”, pois em meio à violência da morte, aos hospitais e a necessidade de manter vivo, viu-se a necessidade de deixar o moribundo escolher novamente o seu fim e participar dele de forma digna como no passado. Deste modo, na contemporaneidade o moribundo ganha a opção de escolher a sua morte, lhe são apresentadas as opções para que este possa escolher a morte que acha mais digna.

Medeiros (2008) ainda afirma que no mundo capitalista contemporâneo a morte é escondida, calada e expelida, pois incomoda e perturba. A “boa morte” é aquela que se faz de modo solitário, rápido, discreto e limpo. Além disso, os indivíduos se encontram privados do luto e da agonia que acompanhava a morte, nega-se também ao indivíduo a consciência de sua própria morte, a própria medicina entra como um pilar onde isto pode se tornar possível, pois é vendida a



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

ideologia do viver eternamente. Deste modo, os moribundos são marginalizados, retirados de seus ritos de preparação para morrer, neste momento, a morte passou a interromper o curso da vida, roubando a felicidade da vida.

4. Os conceitos de morte e de finitude

No capítulo anterior, tivemos uma breve contextualização sobre a morte na cultura ocidental, revisitando os processos da Idade Média, das grandes revoluções européias e da modernidade. Portanto, neste capítulo, procuramos entender o que é o conceito de morte e de finitude dentro da psicologia. Segundo Maranhão (1992), refletir sobre a morte é ao mesmo tempo refletir sobre a vida, pois ambas estão intrinsecamente ligadas e conduzem ao mesmo resultado. Deste modo, por diversas vezes neste texto falaremos da vida, a fim de pautar e dialogar com esta morte, e não somente ela, mas com a finitude.

Papalia e Feldman (2006) descrevem a morte como um fato biológico, possuindo “[...] aspectos sociais, culturais, históricos, religiosos, legais, psicológicos, de desenvolvimento, médicos e éticos, e, muitas vezes, eles estão intimamente relacionados.” (p. 739). Desta forma, a morte se comporta como algo biológico ao qual conhecemos e nos deparamos constantemente nas mídias em geral, a morte do físico. Kovács (2013) afirma que a morte se dá quando as funções vitais de um organismo vivo são interrompidas de forma completa e definitiva, no entanto, a morte clínica ocorre quando todos os sinais vitais estão suspensos, consciência, reflexos, respiração, atividade cardíaca, porém, com os avanços da medicina juntamente da tecnologia, muitas partes de nosso corpo podem ser substituídas por máquinas. Deste modo, passa-se a entender por morte total o início da destruição das células de órgãos especializados como o cérebro.

De acordo com Kovács (2013), a questão de definir a morte se torna um problema, pois nos encontramos diante de um fenômeno que não possui um registro exato do que seja, pois ninguém nunca retornou para contar suas experiências de morte, somente àquelas de quase-morte, que compreenderemos mais adiante. A destarte possuímos as proposições filosóficas e psicológicas deixadas por diversos



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

autores e a primeira que gostaríamos de chamar a atenção é a de Kovács (2013), pois a autora relata que por influência da cultura e da família, ou mesmo pessoal, cada indivíduo possui dentro de si uma ideia sobre a morte, que podemos perceber principalmente por meio da história, em que é evidenciada a evolução das culturas e sua influências no pensamento coletivo.

Como já foram apresentados a vida e a morte se encontram entrelaçadas, pensamos na morte, não apenas no final de nossas vidas, mas durante todo seu processo. Desta forma, compreendemos que a mesma tanto se faz presente no desenvolvimento humano, quanto se constitui parte dele. De acordo com Kovács (2013), a criança ainda nos seus primeiros meses de vida experiencia a ausência da mãe, confirmando que a mesma não é onipresente, e é nesta experiência que a criança terá seu primeiro contato com as mortes e o desamparo, tornando-se, portanto, a primeira impressão de morte do indivíduo a ausência, perda, separação, a aniquilação e o desamparo.

Na velhice, a presença da morte é mais impactante, trazendo segundo a autora acima citada, solidão, tristeza, por vezes, pobreza. Assim se constituiu uma forte imagem da morte como velha encarquilhada, magra, ossuda, sem dentes, feia e fedida, causando repulsa e terror. Papalia, Olds e Feldman (2006) nos trazem que a morte na velhice, ou seja, como um fenômeno na velhice, como estamos acostumados a vinculá-la com esta etapa da vida, se torna invisível e abstrata, o cuidado com os de idades mais avançadas passaram para as mãos de profissionais, de hospitais e asilos, e com os avanços na área da medicina a morte até mesmo destes passa a ser um fracasso.

Podemos dizer é que devido a esta sensação do fracasso diante da morte que a humanidade começou a sentir, que podemos começar a perceber os avanços das tecnologias, da medicina e dos métodos de saneamento, ou seja, passou a ser necessário controlar a morte, assim podem ser compreendidos os inúmeros esforços para adiar a morte, como nos situa Papalia, Olds e Feldman (2006). É comum que devido a este fator nos esqueçamos de que a morte também se constitui como parte do desenvolvimento humano e está presente em todo ele, como nos situa Kovács (2005), e que, pois se constitui como o último processo do ciclo vital. Nascemos,



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

crescemos, envelhecemos e morremos, por mais que isso nos cause uma sensação desconfortável de medo.

A morte não diz respeito somente ao aspecto biológico. De acordo com Kovács (2013), seja em seu ciclo vital ou prematuramente as crianças vivenciam momentos de morte nas perdas diárias em que passam durante seu desenvolvimento, e este fato continua acontecendo na vida adulta, pois ao considerarmos a morte como as perdas que sofremos, deve-se ter ciência que diariamente passamos por processos de perdas, ou seja, de pequenas mortes e lutos diários. Como Kovács (2013) parafraseia Freud, essas situações de morte ou perdas do dia-a-dia são como “micromortes da vida cotidiana”. Assim temos ao longo de nossas vidas diversos processos de morte parciais e totais que irão desde ao físico, mental e social, estas influenciando umas as outras. Deste modo pode-se colocar que a presença da morte é constante em nossa existência.

Por conseguinte, à morte temos o processo de morrer. Maranhão (1992) cita que este processo é constituído por cinco estágios não consecutivos, que são: negação, cólera, barganha, depressão e aceitação, estes estágios estão presentes em qualquer tipo de morte até mesmo na física. A negação é caracterizada como uma reação típica, comum àqueles que recebem uma notícia dolorosa demais ou doenças graves, e se trata de negar a situação em que o sujeito está vivendo. A cólera acontece devido à permanência, isto ocorre entre os doentes em questão da permanência dos vivos. A barganha se constitui na realização de acordos, para os moribundos seria no tempo, em objetos ou mortes cotidianas pela permanência do objeto. O estágio de depressão ocorre com o decaimento, com a tristeza a sensação de perda se torna maior e mais pesada, a pessoa então entra em um processo de fechar-se em si mesmo. Por fim, a aceitação é o último processo de fato em que o indivíduo deve adentrar, nela este aceita a morte e a esperam, o indivíduo é capaz de entender sua própria situação e aceitar as suas consequências.

Os estágios descritos acima estão presentes em todos os tipos de mortes que o ser humano pode passar e são necessários para a aceitação da mesma. Kubler-Ross (2008) em seu trabalho com os que jaziam em leitos de mortes dentro dos hospitais descreve a vivência de cada paciente acometido de doenças gravíssimas



neste processo de morte, onde cada estágio pode ser observado com maior potencia, devido às suas situações.

Com a morte, temos a presença do luto que é o processo vivido após a morte e por consequência também faz parte da mesma, pois somente com a morte é que existe o luto, seja em perdas pequenas ou grandes. Como nos situa Fischer *et al.* (2017), estas perdas podem ocorrer por separação, emprego e mudanças no geral, pois a cada escolha é necessário abrir mão de algo ou alguém. Essas perdas são vivenciadas de diversas formas por cada indivíduo, portanto, cada pessoa irá vivenciar o luto conforme a sua faixa etária, seu desenvolvimento cognitivo e emocional, as condições da perda e a própria dinâmica familiar, assim como a cultura e o social em que este sujeito está inserido.

Apesar de a finitude ser um processo e conceito presente e pertencente à morte, não se encontrou uma definição clara quanto a seu conceito. Entretanto, se nos atentarmos à palavra percebemos que ela se deriva da palavra finito e ao realizar-se uma rápida pesquisa em um dicionário encontraremos o seguinte postulado “**FI. NI. TO** *adj.* – Que tem fim; limitado” (Minidicionário compacto da língua portuguesa, 2006, p. 185), assim percebe-se que o substantivo finitude, derivado do adjetivo finito possui sua mesma significação. Desta forma, podemos compreender que tudo que possui fim, possui uma finitude e morre, sejam as plantas, os animais, os objetos, o próprio homem, nosso planeta e o próprio universo, possuem finitude.

Compreender a finitude se constitui em uma forma mais fácil de aceitar o papel que a morte possui, de que nada pode existir para todo o sempre, inclusive nós humanos, e entender um ciclo maior que está presente em tudo e ocorre desde os primórdios dos tempos. Todas as coisas possuem um fim e este fim é necessário, por exemplo, apesar de o homem ter criado inúmeros materiais que demoram séculos para a sua decomposição, imagine se nada neste mundo morresse, estaríamos vivendo em um planeta sem espaço, com muito lixo acumulado e uma superpopulação absurda, teríamos fome e escassez de água. Olhando por este ângulo, percebe-se o quanto a finitude é importante para a vida.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

Maranhão (1992) ressalta a necessidade de reconhecer a finitude, de que somos apenas mortais, não para infligir medo e agonia, mas para viver melhor, de forma intensa e apreciar esta condição da vida. Kovács (2013) realça que o homem vivencia uma busca pela imortalidade, busca desafiar e vencer a morte desde o princípio dos tempos, e isto é representado nos mitos e lendas, como a busca pela fonte da juventude que promete a eternidade de ser jovem, façanha possível somente aos heróis, pois o homem mortal possui a consciência da finitude.

Como resultado desta finitude, a autora acima coloca que o homem se encontra bipartido, pois reconhece a sua finitude, no entanto, também possui conhecimento de seu poder criador e sua originalidade, desta forma age como se fosse imortal, por possuir esta fragilidade dentro de si e a presença constante da finitude estampada em seu próprio corpo.

Mercer (2007), no prefácio do *Manual de Tanatologia*, menciona que tanto vida, morte e finitude se tornam singular a cada sujeito e cultura, suas vivências derivam de um contexto, estes são marcados por muitas emoções humanas que carecem de atenção. Fischer *et al.* (2007) para completar o fato descrito acima diz que é necessário ao ser humano conhecer estas singularidades, pois estes se fazem presente em todo o ciclo vital.

Freud (1915b), em seu texto *Reflexões para tempos de guerra e de morte*, afirma que ninguém acredita na própria morte e que no inconsciente reside somente a imortalidade, no entanto, o ser humano foi capaz de admitir sua morte, porém não o aniquilamento, que podemos entender como sendo a finitude, e é desta forma que muitas vezes este se faz herói, assim como que seja impossível para ele imaginar sua própria morte, e quando consegue se vê como espectador dela.

5. A morte na contemporaneidade sob a perspectiva da psicanálise

No primeiro capítulo, percebemos que a morte foi perdendo seu espaço na sociedade moderna e contemporânea, se considerarmos a contemporaneidade como a pós-modernidade. No entanto, é aqui que nos deparamos com o primeiro problema, muitos autores acreditam que ainda não adentramos na pós-modernidade



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

e sequer na contemporaneidade, como afirma Birman (2006). Portanto, utilizando este autor iremos refletir o que é a modernidade, antes de nos adentrarmos em falar sobre a visão de morte que se tem hoje, pois a forma como entendemos estes períodos afetam diretamente no modo de pensar e agir sobre a morte e a finitude.

Birman (2006) diz que a modernidade e a pós-modernidade são duas premissas muito diferentes entre si, e que a pós-modernidade pode ser uma ruptura da estrutura moderna. As diferentes formulações sobre a modernidade podem estar pautadas na própria cultura, revelando sobre estas formulações uma multiplicidade e complexidade. De acordo com o autor, a modernidade tem sido centrada no indivíduo e, como consequência, tem-se uma flutuação entre o amor a si e o amor ao outro, que formam um jogo de repulsão e atração, assim a individualidade na modernidade possui uma conotação narcísica.

A modernidade, segundo Birman (2006), possui o modernismo como sintoma, de forma que o Eu perde sua soberania na consciência humana, e este passa a ser atraído pelas novidades, pelo novo, desta forma o homem se encontra na dualidade de forças opostas, como a vida e a morte. É deste modo que a velhice se transforma em enfermidade, entretanto com a busca da beleza e estética desejamos esconder esta vulnerabilidade que possuímos.

Maranhão (1992) declara que as atitudes do homem ocidental diante da morte e do morrer mudaram em cerca de 50 anos acarretando em uma ruptura histórica, aonde os antigos costumes, como já vimos no primeiro capítulo deste artigo, se modificaram, levando à morte um status de vergonha, tornando-se um tema tabu, proibida e até mesmo inominável. O morrer, diz o autor, se torna impessoal e os mortos são coisas. A morte agora deve ocorrer no silêncio sem perturbar os sobreviventes.

Maranhão (1992) aponta que uma das causas desta mudança foi o deslocamento do lugar da morte, que é tão negada, patológica, submersa, perdida e desfigurada, há na modernidade uma negação e camuflagem desta morte, principalmente nos hospitais e meios de saúde, nos avanços tecnológicos em respeito ao cuidado com o corpo, em parte isto não é ruim, porém é necessária a reflexão: por que isto ocorre?



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

O autor acima aponta que houve uma própria mudança nos velórios e na maneira de sentir o luto, hoje possuímos o método da cremação, onde o corpo se torna cinzas, os funerais são retraídos e silenciosos, um simples choro é demais para os entornos suportarem dos que sofrem o luto, portanto o enlutado deve controlar suas emoções. Comprovando o postulado do autor que a sociedade reduziu a morte a nada, o autor retrata ainda que somente as ciências humanas se prezem a questionar este posicionamento social ocidental contemporâneo que temos vivido diante da morte, ao escrever:

Numa 'sociedade de negadores da morte' como a nossa, onde o ato de morrer tornou-se assunto privado e tecnicamente controlado, os moribundos recebem parte da comunidade uma ajuda humana muito pequena. (MARANHÃO, 1992, p. 40).

As mudanças que Maranhão (1992) denuncia na sociedade se tornam as mesmas que Kubler-Ross (2008) alguns anos depois continua a denunciar, ao qual ela coloca como responsáveis pelo aumento do medo da morte e o número de problemas emocionais a grande necessidade em se compreender e lidar com a morte e o morrer. Papalia, Olds e Feldman (2006) completam a discussão ao falarem que os avanços na medicina e no saneamento auxiliaram nestas mudanças, pois os riscos de mortes diminuíram consideravelmente ao longo dos anos, as pessoas têm chegado à velhice com mais frequência agora, doenças são superadas e curadas.

Em vista disto, percebemos um grande aumento nas pesquisas biológicas, de acordo com Birman (2006), principalmente na reprodução e clonagem, prometendo aos seres humanos a imortalidade. Este desejo pela imortalidade, de acordo com o autor, se contrapõe ao risco contemporâneo da morte e se constitui como um dos pólos do mal-estar na atualidade. Outro autor que postulou essa mesma premissa anos antes foi o psicanalista Freud (1930 [1929]) ao formular que uma das causas do sofrimento moderno, contrário à felicidade buscada, está relacionada ao “[...] nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispersar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência” (FREUD, 1930 [1929], p. 85), ou seja, a finitude de nosso corpo.



Diante do que vimos até o momento ainda nos resta entender porque buscamos tanto a juventude? E porque negamos a morte e a finitude de maneira tão incisiva? As respostas dessas nós questões podemos encontrar na psicanálise e em diversos autores já citados aqui, primeiro podemos começar com Freud (1915b) que propõe como causa dessa insistente negação o nosso inconsciente. Diversos outros autores defendem esta mesma idéia, como Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013) e Kubler-Ross (2008), a partir da qual se constata que em nosso inconsciente não há o registro da própria morte ou da perda, desta forma o mesmo comporta-se como algo imortal. Freud (1915b) nos explica que isto ocorre devido às camadas mais profundas dessa instância não registrarem qualquer negação, como é a morte, que nega a vida.

Maranhão (1992), ao escrever sobre a negação da morte, principalmente a pessoal, nos coloca diante da questão de que esta se tornou insignificante devido ao excesso de bens e cuidados cotidianos, nos quais nos perdemos. Retomando a fala de Birman (2006) sobre a modernidade percebemos que isto se trata de uma reação à individualidade e busca pelo consumo em excesso, as informações da mídia como um todo, nos fazendo vivenciar um torpor social.

Kubler-Ross (2008) escreve que a morte como não sendo imaginável em nosso inconsciente sempre será ligada as situações ruins, ou a ações más, como um castigo. Logo, esta será considerada um acontecimento medonho, pavoroso, se tornando em um medo universal ao homem, mesmo que este saiba como dominá-la. Kovács (2013) ao discorrer a respeito da morte e da busca de imortalidade diz que o homem busca, na verdade, a juventude eterna, mostrando que Birman (2006) estava correto em dizer que a individualidade humana na atualidade está mais próxima ao narcisismo.

O medo da morte, no entanto, segundo Kovács (2013) é muito comum e se realiza como uma forma de resposta psicológica, este é universal e se compõe de várias dimensões, presentes em todo o ciclo de desenvolvimento, desde a negação dos impulsos infantis, como forma de manter a submissão da criança, criando uma vivencia negativa nesta. Contudo a autora coloca que o homem possui dois grandes



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

medos, sendo estes a vida e a morte, um medo que remete a realização, a individualização e a destruição.

Deste modo, sendo a morte algo desconhecido, sem controle, invisível, intangível e indomável, assim tememos ela justamente por desconhecermos como será este encontro e quando acontecerá. Segundo Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013), esse medo está presente em todas as pessoas, mesmo que seja negado ou mascarado. Os autores compreendem que psicanaliticamente o medo da morte estaria ligado à ansiedade de castração, no entanto, há uma discrepância entre diversos autores ao acreditarem que esta ansiedade está relacionada às situações de extremo de perigo e não a morte futura.

Acreditamos que há na morte futura certa ansiedade de castração, pois se fizermos uma comparação sobre o que refletimos em Birman (2006), logo no início deste capítulo, percebemos que há uma supervalorização do individualismo e do narcisismo que empregam certa soberania ao ser humano, como este sendo um pequeno deus capaz de criar muitas coisas, desta forma o homem empoderado não teme nada, a não ser em seu interior, onde reside um terror inevitável de algo que pode tirar tudo o que este possui, a morte. A vivência da morte como um terror que ameaça sua soberania, traz ao homem novamente a vivência da castração, desta forma o homem teme ser castrado pela morte.

Os autores como Kovács (2005) e (2013), Kubler-Ross (2008) e Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013), entre outros, colocam que o medo da morte já emerge desde a infância inicial na forma de terror da repetição de eventos traumáticos, como o medo de pessoas amadas, principalmente a mãe. A morte deve se integrar a estrutura da personalidade infantil, como parte de seu desenvolvimento, a autopreservação como um esforço contra a desintegração é resultado e parte deste medo. Deste modo, a morte desperta numerosas fantasias inconscientes e defesas contra ela, algumas fantasias podem ser de caráter persecutório, onde a morte é vista como uma criatura antropomórfica, geralmente como uma mulher coberta por um manto negro carregando consigo uma foice, podendo esta muitas vezes representar alguma pessoa que o moribundo sente ter atacado ou destruído, assim



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

esta projeção se torna parte dos impulsos agressivos do indivíduo e a morte é vivida como forma de castigo, é temível e insuportável.

No entanto, a morte também pode ser vivida como uma forma de se reencontrar com as pessoas perdidas, onde a pessoa recria um mundo para refazer estes laços antigos, como afirmam os autores Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013). Entretanto, se observarmos por outro ângulo percebemos que na realidade existe uma negação da cessação da vida do biológico que sustenta esta fantasia, aceitando-se a criação imaginária de um novo mundo a partir da visão religiosa tradicionalista, a qual propõe a continuação da vida de uma nova forma sem dor e sofrimento.

Contudo, de acordo com os autores acima, também encontramos defesas maníacas quanto à negação que trazem certa alegria, júbilo e prazer ao indivíduo, onde a morte é transformada em um triunfo, uma superação, em um encontro com aqueles já falecidos, na entrada para o paraíso. Deste modo, a morte é glamourizada e desejada, aqui sua representação é similar a uma mulher bonita envolta em véus diáfanos. Há a ideia de que ao estar morrendo a pessoa é levada a uma regressão a infância e as muitas experiências já relatadas de quase-morte, como a visão de um túnel de luz, pode ser explicada através desta regressão, por exemplo, podemos entender esta do túnel como sendo o atravessar do canal uterino, ou seja, uma lembrança antiga e arcaica do nascimento.

Os autores acima em suas falas nos fazem ter a errônea idéia de que a morte está presente no modernismo, no entanto, o que eles nos trazem são as defesas que utilizamos para não experimentarmos a morte como esta é em sua realidade. Fischer (2007) assegura que o fenômeno da morte ao decorrer do tempo na cultura ocidental passou a assumir um sentido de algo não natural, encarado com certo preconceito, impronunciável desnecessário de se pensar e até mesmo de fracasso.

Becker (1991) declara que o medo da morte é puramente psicológico e que este persegue o ser humano e acaba se tornando uma mola mestra para a atividade humana, a qual esta destinada em evitar-se esta fatalidade que a morte é e assim vencê-la diante da negação de que esta é o destino final do homem, o autor relata que o homem ocidental moderno possui uma dificuldade em acreditar na morte.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

Por consequência disto podemos compreender o que Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013) refletiam ao escrever sobre a dificuldade em falar da morte, trazendo que nossa sociedade busca negá-la desesperadamente e visa esquecer-se da finitude humana, sendo esta considerada um assunto absurdo e depressivo. No entanto, falar sobre a morte é ter consciência da própria vida e saber aproveitá-la, no entanto, em meio a este processo de medicalização, a morte é considerada inconveniente e não deve tornar-se pública, pois a morte é considerada uma negação da vida, desta forma os autores a colocam como um último enfrentamento e tarefa do ciclo vital dos indivíduos.

Apesar de sabermos da constante presença da morte, da finitude e do medo dessas em nosso psiquismo, não seria saudável viver com estas presenças esmagadoras e constantes, deste modo, o ocultamento cultural e psicológico se faz necessários, e é aqui que temos a presença dos mecanismos de defesas de nosso psíquico, sendo eles a negação, a mais comum, a repressão, a intelectualização e o deslocamento, que de acordo com Kovács (2013) são defesas que nos protegem do medo da morte, porém também podem nos restringir da mesma.

Deste modo, a autora nos mostra que o medo da morte possui um lado vital em certa medida, pois esta representa o instinto de autopreservação e conservação, sendo uma proteção à vida contra os instintos destrutivos e as forças de desintegração. É aqui, diante deste marco que surge o heroísmo, o qual Freud (1915b) postulou que este está conectado a premissa que os bens abstratos e gerais são mais preciosos que o próprio indivíduo, no entanto, é mais comum e frequente que este heroísmo venha de um instinto impulsivo, que zomba do perigo e nos remete à dissipação das hesitações correspondente ao inconsciente.

Kovács (2013) formula que o homem possui o heroísmo como um reflexo do medo da morte, pois se a consciência da morte nos fosse constante, seríamos uma civilização incapaz de agir, nos encontraríamos paralisados, portanto, de certa forma ao agirmos como imortais, juntamente com os mecanismos de defesa, a repressão e a negação, com isto nos encontramos protegidos deste constante medo, contudo essas defesas não eliminam a morte, assim não podemos ignorá-la, pois, conforme diz o autor, “[...] ela impõe a sua presença”. (p. 25).



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

O narcisismo, segundo Freud (1930 [1929]), ao falar sobre os três tipos de sofrimento humano e destacando um deles como sendo a finitude do corpo, propõe que o narcisismo presente na humanidade seria fruto desse sofrimento, como uma forma do homem reaver seu lugar soberano, atrelado a este fato, a explicação de que o inconsciente desconhece a morte e o tempo e desta forma o homem se sente imortal, de acordo com Becker (1991), é devido a este movimento de nosso psiquismo que podem ocorrer os atos de heroísmo. Pela braveza em enfrentar a própria extinção o herói é aclamado e exaltado.

No entanto, o autor salienta que isto é meramente o reflexo de uma expressão do instinto de autopreservação que se torna um impulso para manter a vida e dominar os perigos que a ameaçam, quer dizer, o temor da morte estar presente em nosso funcionamento psíquico. Esses enfrentamentos não devem permanecer constantemente, pois podem causar um extremo mal ao organismo. Quanto à crença na imortalidade, Becker (1991) afirma que ela age como uma superação humana, a própria repressão firma esta fantasia para diminuir a angústia humana.

Para Kovács (2013), ao tomarmos consciência da morte e da finitude, surge-se uma ferida mais aterrorizante que é o não-saber. A fim de driblar este não-saber o Eu enche-se de teorias numa rasa tentativa de intelectualização, pois para o homem deve existir algo depois da morte, pois desta forma a própria vida ganharia uma razão. Por conseguinte, diante de nossa impotência, a autora diz que a nossa defesa se torna a onipotência, assim fantasiemos a vida após a morte.

Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013) defendem que a repressão da morte nos ajuda a viver o mais normalmente possível diante deste conhecimento, e desta forma estamos sempre tentando manter a convicção internamente de que somos fortes o suficiente para combater os perigos que a própria sociedade moderna e civilizada nos aflige, o autor evidencia que é desta certeza que nos mostramos fascinados com os acidentes fatais e pela morte.

Os autores acima ainda retratam que a morte física é negada como qualquer outra perda diária, no entanto, a sociedade atual não permite perder, pressupõe que devemos estar sempre ganhando, e isso remete ao narcisismo contemporâneo



movido pelo o que possuímos. A morte, como já formulado aqui anteriormente, nos tira desta posição onipotente e narcísica.

Kovács (2005) coloca de forma concisa que “Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com as experiências dolorosas” (p.494), por isso nos refugiamos na negação e construção de fantasias, se sua presença fosse constante seríamos incapazes de sonhar e criar projetos, o que contradiz o desejo humano de ser único e não cair no esquecimento. Apesar de o combate à morte dar a sensação de força e controle, a má elaboração de um luto pode gerar tristeza e dor, assim como doenças graves e o adoecimento.

Mesmo a morte se tornando um tema esquecido, banido das conversas, sua presença se faz constante nas mídias, principalmente, e diante do exposto no parágrafo acima, Kovács (2005) salienta a importância de se falar e focar no tema da morte. Pois, ao falarmos dela estamos também falando da vida. A violência, as doenças, guerras e suicídios pedem a explanação do tema, para que a própria vida seja revista. Desta maneira, a autora propõe a discussão de educação para a morte, fundamentando a importância da mesma na sociedade e buscando a sua humanização e sua presença na fala cotidiana, para a sua aceitação e quebra de que a mesma é um fracasso.

6. CONCLUSÃO

Falar sobre a morte é falar sobre um medo constante tornando este um tema complexo, pois se o temor da morte é universal, quem escreve sobre este tema se encontra em uma dualidade maior do que a aquele com conhecimento leigo. Laks-Eizirick, Polanczyk e Eizirick (2013) afirmam que esta tarefa se torna mais pesada ao lidarmos com uma sociedade que constantemente a nega, no entanto, partindo do que Kovács (2005) relata em seu texto, é necessário criar-se este discurso, para desta forma mobilizar as massas a uma reflexão de suas vivências.

Sendo assim, percebemos com uma imensa clareza que a morte sendo uma construção humana dotada das dimensões culturais, sociais, biológicas e histórica, passou por diversas mudanças em seu contexto histórico, como nos relata Ariès



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

(2012) ao descrevê-la como uma morte mais social na idade média e que movida às próprias transformações humanas de pensamento como no período das revoluções, destacando-se o romantismo, e a sexualidade presente na própria morte, chegando à modernidade onde Menezes (2003) e Medeiros (2008) e Birman (2006) retratam esta modernidade e contemporaneidade como um rompimento, a partir do qual a morte mais do que nunca começou a ser temida e esquecida, onde a finitude é negada.

A principal causa deste rompimento, segundo Birman (2006) e Freud (1930 [1929]) e (1915b), é que o homem na sua busca pelo individualismo começa a negar aquilo que destrói sua onipotência enquanto um indivíduo capaz de criar e de se igualar a deus, buscando seu narcisismo e heroísmo para vencer a finitude de seu próprio corpo e a fragilidade do mesmo, desta forma constrói-se uma sociedade que evita a perda e supervaloriza o consumo a fim de suprimir esta necessidade de onipotência.

Desta forma, mais do que na idade média em suas buscas pela fonte da juventude, e as inúmeras lendas que deram brechas a fantasia de uma vida eterna, desconhecida da morte e da finitude, onde os prazeres da juventude são reais, que as muitas tecnologias, principalmente na área médica e estética obtiveram avanços consideráveis nas últimas décadas, uma tentativa de levar o homem para mais perto da realidade de uma fonte da juventude, que agora seu trabalho e dinheiro podem comprar, é desta forma que o marketing de produtos de beleza investe pesadamente na promessa de rejuvenescimento.

Sabemos que a morte e a finitude não existe em nosso inconsciente e este se coloca como um dos motivos para toda a nossa onipotência e narcisismo diante da morte, no entanto, o medo da mesma ainda se encontra presente em nosso psiquismo, ou seja, temos consciência da morte, porém não de nossa própria morte, o que pode reafirmar o sentimento descrito acima, principalmente a sensação de que possuímos forças para vencer a morte, somado a isto, as nossas fantasias e os mecanismos de defesas, fortalecem esta condição narcísica presente na modernidade e atualidade.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

O conhecimento de nossa condição de finitude mesmo presente, deve estar sempre sob uma balança, por um lado devemos possuir este conhecimento para melhor aproveitar a vida, no entanto, a constante presença deste medo poderia nos destruir, dessa forma as defesas que possuímos contra a morte e a constante presença da mesma nos ajuda a manter essa frágil balança equilibrada, a fim de evitar-se nossa própria autodestruição.

Assim torna-se necessário frustrar o bebê e conhecer nossa finitude para que nenhuma doença seja causada pelo constante medo, ou pela falta do mesmo em nosso psiquismo. É necessário aprendermos como elaborar um luto e também como simbolizar a morte e a finitude em nossas vidas de maneira saudável.

Concluimos este trabalho de forma a entender esta dualidade que a morte e a finitude possuem na contemporaneidade, se traduzindo pela necessidade de auto conservação e apreciação da própria vida. A psicologia e as ciências humanas carregam uma importante tarefa de expor o quanto é necessário e relevante entender este processo, para compreender, por exemplo, os suicídios, as depressões, as ansiedades e fobias, tão presentes neste século e questionar o andamento que a humanidade está tendo referente a estes assuntos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BECKER, E. **A negação da morte: uma abordagem psicológica da finitude humana**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASSORLA, R. M. S. Reflexões sobre a Psicanálise e a Morte. In: KOVÁCS, M. J. (Coord.). **Morte e Desenvolvimento Humano**. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FISCHER, J. M. K. *et al.* **Manual de Tanatologia**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

FREUD, S. (1915b) Reflexões Para os Tempos de Guerra e Morte. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, S. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOVÁCS, M. J. (coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

KOVÁCS, M. J. Educação para a Morte. **Rev. Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo: 2005. 25 (3). P. 484-497.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras e aos seus próprios parentes. 9ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

LAKS-EIZIRIK, C.; POLANCZYK, G. V.; EIZIRIK, M. A Morte: Última Etapa do Ciclo Vital. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (org.) **O Ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. P. 190- 200.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1992.

MENEZES, R. A. Tecnologia e “Morte Natural”: o Morrer na Contemporaneidade. **PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. Ed. 13(2), pg. 129-147, 2003.

MEDEIROS, M. M. Concepções Historiográficas sobre a morte e o morrer: Comparações entre a *ars moriendi* medieval e o mundo contemporâneo. **Rev. Outros Tempos**. Vol. 5, nº 6, pg. 152-172. Dez/2008.

MINIDICIONÁRIO compacto da língua portuguesa. São Paulo: DCL, 2006.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. Epílogo: Fim da Vida. In: **Desenvolvimento Humano**. 8ª Ed. São Paulo: Artmed Ed. 2006. P. 737-751.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.